

RESUMO EXPANDIDO - MODALIDADE COMUNICAÇÃO ORAL

LETRAMENTO LITERÁRIO: UM OLHAR DECOLONIAL DE QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Edzélia da Silva Moreira,
Hérica da Silva Pereira,
Maria Eduarda Lima Dasmaceno,
Taila Luane da Silva Rocha
E. E. Nossa Senhora de Nazaré
zeliamoreira17@gmail.com
Manacapuru - Amazonas

RESUMO

A presente pesquisa propõe analisar *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, articulando o letramento literário à perspectiva decolonial. O objetivo é investigar como as narrativas dissidentes podem ampliar a consciência crítica dos estudantes do Ensino Médio por meio de uma análise literária que questiona as estruturas de poder. A metodologia inclui oficinas de leitura, círculos de debate e interpretação crítica, com vista à formação de leitores aptos à estabelecer diálogos entre a obra e as reveses sociais contemporâneas. Para esse estudo, consideramos as contribuições de Rildo Cossan (2014), Catherine Walsh (2017), Antônio Cândido (2004), Aníbal Quijano (2005), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2017), Conceição Evaristo (2018), Sueli Carneiro (2005), entre outros.

Palavras-chave: Letramento literário, decolonial, Carolina Maria de Jesus.

INTRODUÇÃO

O presente estudo emerge de uma inquietação pessoal e pedagógica: o encontro tardio com a literatura potente de Carolina Maria de Jesus. A descoberta de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* não foi apenas uma adição ao repertório literário, mas um evento que expôs uma lacuna significativa em minha própria formação e, por extensão, no cânone habitualmente

trabalhado em sala de aula. Essa experiência de chegar tardiamente a uma autora de tal grandeza, infelizmente não é incomum; Carolina ainda permanece à margem do conhecimento de grande público leitor e, muitas vezes, ausente dos currículos escolares. Partindo desse olhar, decidimos encarar o desafio de transformar *Quarto de despejo* em objeto central de uma investigação científica junto aos estudantes da 3.ª Série do Ensino Médio da Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré, em Manacapuru/AM. A proposta visa ir além da mera leitura, constituindo-se como um projeto de iniciação científica juvenil que coloca a obra de Carolina no cerne de uma reflexão crítica sobre literatura, sociedade e identidade.

A fundamentação teórica desta investigação ancora-se no diálogo entre o estudo decolonial e o letramento literário. Recorremos ao conceito de interculturalidade crítica desenvolvido por Catherine Walsh (2017), que propõe não uma simples celebração da diversidade, mas um reposicionamento efetivo das narrativas dissidentes, reconhecendo-as como produtoras de conhecimento válido e necessário. Essa abordagem teórica alinha-se às práticas de letramento literário propostas por Cosson (2014), que compreendem a literatura como uma prática social capaz de formar leitores críticos e emancipados.

As análises partiram de uma interpretação que visa formar leitores capazes de identificar, refletir e contestar as forças opressoras inerentes às estruturas de poder e o apagamento das vozes dissidentes. Além disso, este estudo apresentou um caminho para acessar o mundo da leitura e da escrita para além do cânone literário.

METODOLOGIA

Esta pesquisa propôs a articulação entre o letramento literário e a perspectiva decolonial, tomando a obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, como objeto central para a elaboração e aplicação de oficinas em sala de aula. O estudo foi ancorado em teóricos decoloniais que discutem as hierarquias de poder e defendem a centralidade de narrativas historicamente marginalizadas. Como referência fundamental, apoiamos-nos em Grada Kilomba (2019), cuja reflexão sobre a descolonização do saber norteia a escrita de mulheres negras como o ato político de resistência.

Para instrumentalizar essa abordagem no contexto das salas de aula do Ensino Médio da Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré, em Manacapuru/AM, recorremos à pedagogia decolonial de Catherine Walsh (2017). Seu conceito de interculturalidade crítica oferece uma estrutura não apenas para celebrar a diversidade, mas, sobretudo, para reposicionar narrativas

dissidentes no centro do processo educativo. No que tange ao letramento literário, o trabalho foi orientado pelos estudos de Cosson (2014), que norteiam a compreensão da formação de leitores críticos por meio da imersão em textos literários.

O estudo tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Foram realizadas oficinas de letramento literário. Outros instrumentos utilizados foram as gravações em áudio de círculos de debate, apresentações das análises, como também a organização de portfólios das atividades produzidas nas oficinas. O percurso metodológico desta fase iniciou-se com um levantamento bibliográfico que incluiu livros, artigos científicos, documentários e consultas de registros de entrevistas com a autora.

Após os debates e as rodas de conversa, partimos para produção de uma Exposição Imersiva: vozes do *Quarto de despejo*. O trabalho foi orientado pela professora coordenadora e pelos Cientistas Juniores e realizado no auditório da escola com o objetivo de engajar a comunidade escolar, sobretudo, para o conhecimento da obra como instrumento motivador para o processo de Letramento Literário das cientistas juniores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

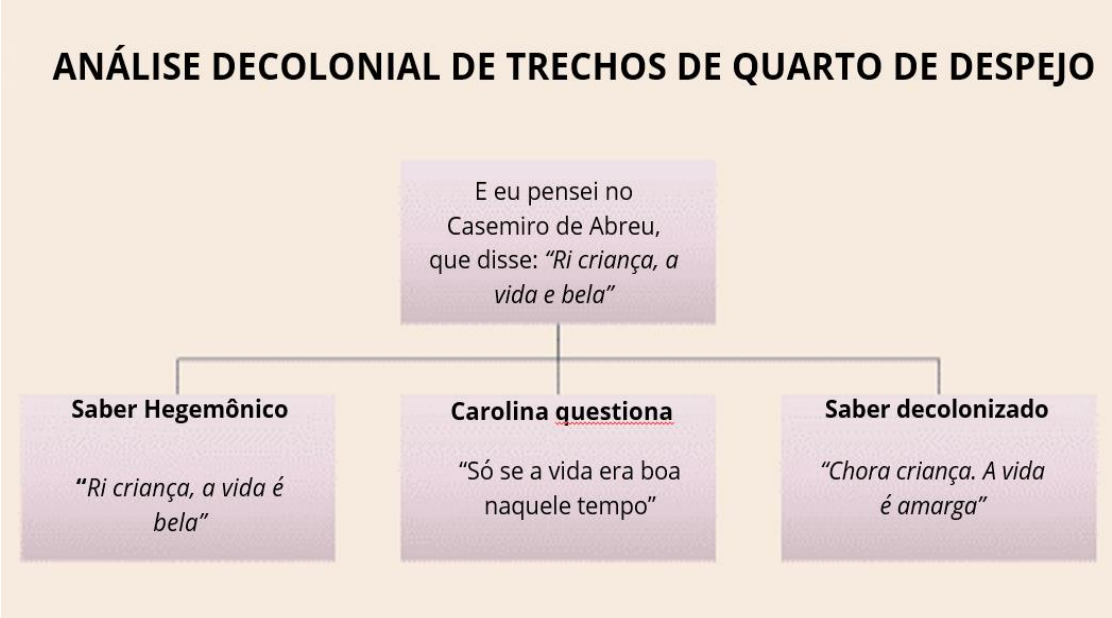
O Letramento Literário foi fundamentado numa perspectiva decolonial na análise de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, possibilitando o acesso, aos estudantes do Ensino Médio, aos “modos outros” da escrita e leitura literária para reconhecer, por meio de uma análise crítica da escrita da Carolina, uma escritora constituída de saberes que ousou criticar o privilégio epistêmico e a matriz colonial de poder. Nesse campo, entendemos que o modelo analítico decolonial é aplicável às narrativas literárias dissidentes, assim como aos estudos teóricos, metodológicos e práticos projetados pela pedagogia transformadora e epistemologias insurgentes.

Nessa perspectiva, a pesquisa em questão adentrou as lacunas científicas articuladas entre a interculturalidade crítica (Walsh, 2017) e o letramento literário (Cosson, 2014), as reflexões sobre o conceito de epistemicídio (Sueli Carneiro, 2005), para reafirmar caminhos possíveis do letramento para além do cânone nas salas de aula da 3.ª Série da Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré - Manacapuru/Amazonas. Essa etapa foi importante para prosseguirmos com as análises do *Quarto de despejo*. A partir das rodas de conversa, os alunos pontuaram observações sobre o apagamento de Carolina na literatura. Além disso, registrou-se, durante as discussões em salas de aula, as seguintes frases:

"Professora, como Carolina, com pouco estudo, conseguiu escrever um livro tão impactante?" (L.M.). "Mesmo a escritora com pouco estudo, ela me surpreendeu, porque não conseguiria escrever como ela" (F. L.). Em *Quarto de despejo,* identificamos que a linguagem de Carolina é uma marca de sua autenticidade ao utilizar o registro coloquial, que nos convida a reflexões existenciais, sociais e políticas. Abaixo propomos os resultados de uma análise decolonial da obra:



Nota: autoria própria



Nota: autoria própria

Acrescenta-se que, o estudo contribuiu para o entendimento crítico, reflexivo e consciente das estruturas de poder que a obra de Carolina Maria de Jesus questiona. Logo, assume-se um compromisso ético com um lugar de enunciação específico. Por fim, reafirma-se que este estudo não teve a intenção de "dar voz" à autora, gesto que, em si, poderia reiterar uma lógica colonial, mas sim o propósito de conduzir os estudantes a um diálogo crítico com a potência da escrita de Carolina Maria de Jesus.

CONCLUSÃO

Desse modo, acreditamos que esta pesquisa tem potencial para gerar debates profundos na defesa de narrativas historicamente silenciadas. Compreende-se que a análise de *Quarto de despejo*, sob a ótica decolonial, levou os alunos a reconhecer que as vivências de Carolina Maria de Jesus, expressas em suas escritas, são metáforas de suas próprias realidades, quase sempre apagadas pelos mecanismos de dominação. Reafirmamos, assim, que a obra se desloca para o centro das discussões com um objetivo claro: desmontar os discursos hegemônicos da elite, da mídia e do Estado. A partir dessa desconstrução, torna-se possível construir um sistema de conhecimento próprio, gestado na escrita negra, feminina e periférica. Mais do que isso, a proposta é contestar o epistemicídio que insiste em silenciar vozes subalternizadas. Portanto, acreditamos que a educação decolonial, ancorada na literatura periférica, não apenas amplia repertórios, mas também humaniza o ambiente escolar ao devolver protagonismo a quem sempre foi posto à margem.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Programa de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo - USP. Tese de Doutorado, 2005.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma Favelada. 10.ed. - São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. -1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales**. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Serie: Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador,2017.